

PIONEIRAS, COLONAS (1) E MULHERES ATIVAS :  
MULHERES DE RONDÔNIA

Comunicação ao colóquio internacional :  
"o lugar das mulheres na auto-suficiência e nas estratégias alimentares".

Paris, 14-19 de janeiro de 1985.

Catherine AUBERTIN  
economista ORSTOM

(1) Em francês como em português, a palavra "colono" não admite feminino. Nós substituiremos aqui a expressão "mulheres de colonos" por "colonas".

1

No Brasil é difícil distinguir uma outra política alimentar que a de favorecer antes de tudo a exportação e o desenvolvimento da grande propriedade.

Desde sua criação, a colônia deve produzir para a metrôpole, para o mercado externo. Toda a organização administrativa e econômica visa exportar o açúcar, o ouro. Depois a república organizará os mecanismos necessários ao desenvolvimento das plantações de café e à exportação da borracha.

A sociedade ficará marcada pela divisão entre senhores proprietários da terra e escravos ou "agregados" que, periféricamente ao seu trabalho nas culturas econômicas ou nas minas, são encarregados do provisão de víveres. O pequeno camponês é isolado, vive quase em autarquia. Suas técnicas culturais, a violência, a ausência de títulos de propriedade e ... a esperança, o transformam em eterno migrante.

Hoje, para reembolsar uma dívida externa de mais de 100 bilhões de US\$, o governo brasileiro, sobre as injunções do F.M.I., escolheu aplicar uma política de austeridade, impondo uma enorme queda do poder aquisitivo dos assalariados. Em matéria agrícola, todos os esforços são feitos, frequentemente aos poucos, sem que se desempenhe uma política agrícola coerente, para favorecer as culturas de exportação.

As cifras (oficiais) são conhecidas. Convém entretanto lembrá-las para que se possa medir a intensidade do problema alimentar que atinge a maioria dos brasileiros.

Os salários se enfraquecem. Em 1983, a inflação é de 211% com uma alta de 350% dos produtos agrícolas de base. O reajuste do salário mínimo é de 163,5%. Hoje (outubro 84) o salário mínimo permite apenas cobrir as necessidades alimentares de uma única pessoa. Ora, os dois terços dos brasileiros com idade superior a 10 anos percebem menos que um salário mínimo como recurso total. (Quadro I e II).

QUADRO IPOPULAÇÃO COM MAIS DE 10 ANOSSEGUNDO O NÚMERO DE SALÁRIOS MÍNIMOS RECEBIDOS (EM PORCENTAGEM)

- BRASIL -

<u>Número de salários mínimos recebidos</u>	<u>População em porcentagem</u>
1/2 e menos	10,5
1/2 à 1	12
1 à 2	13,5
2 à 3	7
3 à 5	5,5
5 à 10	4,5
10 à 20	2
mais de 20	1
sem rendimentos	44
	<hr/> 100

QUADRO IIRENDIMENTO MENSAL POR FAMÍLIA

<u>Número de salários mínimos</u>	<u>Porcentagem de famílias concernentes</u>
1/2 e menos	10,5
1/2 à 1	15,5
1 à 2	24,5
2 à 5	26,5
5 à 10	11
mais de 10	7,5
sem rendimentos	4,5
	<hr/> 100

A família média conta 4,21 membros

FONTE : IBGE - PNAD . 1983.

Estes rendimentos poderiam indicar um país fortemente agrícola, onde o autoconsumo seria dominante. Mas o Brasil já é amplamente urbanizado com 68% de sua população nas cidades em 1980. O processo de urbanização é intenso. Entre 1970 e 1980, o crescimento urbano é de 49% e a queda no setor rural de 6% (IBGE 1980). É preciso comprar a sua alimentação.

A esta queda de poder aquisitivo corresponde uma redução da oferta de produtos alimentícios. Depois de 1961, houve a taxa anual média de crescimento da produção de arroz e mandioca, depois de 1971, a da batata e do feijão, inferiores à taxa de crescimento da população. As produções para exportação como a soja (em farelo, óleo e grãos, a soja é o primeiro posto em valor das exportações brasileiras das quais representa 11% em 1983), ou as destinadas a substituí-la, como a cana de açúcar transformada em álcool hidratado, são as únicas a desenvolver-se. A incorporação de novas terras pela ocupação da "fronteira agrícola" não modifica em nada esta tendência.

Não podendo modernizar suas explorações, esmagados pelas leis do mercado e a orientação do crédito, os pequenos produtores abandonam seus campos para ir para as cidades ou tentar sua sorte mais ao oeste, na "fronteira". O Estado favorece as grandes propriedades, para que elas sejam fortemente mecanizadas ou simplesmente utilitárias de espaço como no caso da criação extensiva do bovino. As estatísticas do emprego agrícola são eloquentes : três empregos são criados em média nas explorações inferiores a 10 hectares enquanto que nas explorações de mais de 10 000 hectares são oferecidos simplesmente seis.

Essas transformações da agricultura acompanham-se de uma redistribuição da força de trabalho no território. O fenômeno é antigo no Brasil onde as pessoas se aprazem em apresentar sua história econômica como uma continuação de ciclos de produtos de exportação.

Estes "ciclos de produtos" co-habitam e se deslocam sobre toda a extensão do território, organizando o espaço e as relações sociais em tantos sistemas de produção, provocando tantas migrações.

Nós nos propomos a estudar aqui o lugar das mulheres neste contexto econômico; nos ciclos dos produtos, nas migrações, na economia rural, nas cidades, em algumas das manifestações das populações face à política econômica nacional e suas repercussões alimentares.

Para ilustrar este propósito, procuramos pesquisar quais eram, quais são as situações das mulheres em Rondônia. Região amazônica pouco populosa, durante muito tempo acessível só por via fluvial, passando do status de território ao de estado em 1981, Rondônia oferece hoje um panorama muito diversificado das estratégias econômicas das populações : quer seja na subsistência de economias tradicionais (borracha, castanha do Pará, minerais...), na acolhida aos migrantes cassados pela expansão da mecanização, da valorização das terras, do mercado, por toda uma articulação de fenômenos dos quais não exprimiria bem a expressão "ciclo da soja", ou no forte processo de urbanização (a população urbana cresceu de 295% entre 1970 e 1980) (Quadro III).

No Brasil, Rondônia é atualmente o principal lugar de acolhida de pequenos agricultores a procura de terras : entre 1970 e 1980, a população rural de Rondônia foi multiplicada por cinco (Quadro III). A colonização oficial fez dela uma região original pela concentração de uma pequena exploração familiar de implantação recente onde coexistem as culturas econômicas encorajadas pelo Estado (café, cacau, borracha) e a produção para a própria manutenção.

Numa primeira parte, evocaremos brevemente a história de Rondônia, através da apresentação das economias dos produtos "de extração" e as preocupações estratégicas de integração do novo território. Cada sistema econômico atribui um espaço particular às mulheres e induz a um tipo de alimentação.

Depois, numa segunda parte, tentaremos prestar contas da formidável corrente migratória que recebe Rondônia, retraçaremos o dia de uma mulher de colono, mostrando que a produção da família repousa, na maior parte sobre a participação da mulher nos trabalhos agrícolas, sua responsabilidade na economia doméstica e seu trabalho na cidade.

Insistiremos sobre o crescimento das mulheres na economia urbana onde constituem sem dúvida, os elementos mais organizados.

Enfim, a partir de uma crítica das estatísticas distorcidas contendo a atividade das mulheres, caracterizaremos a economia de Rondônia retraçando o emprego das mulheres na indústria e na administração.

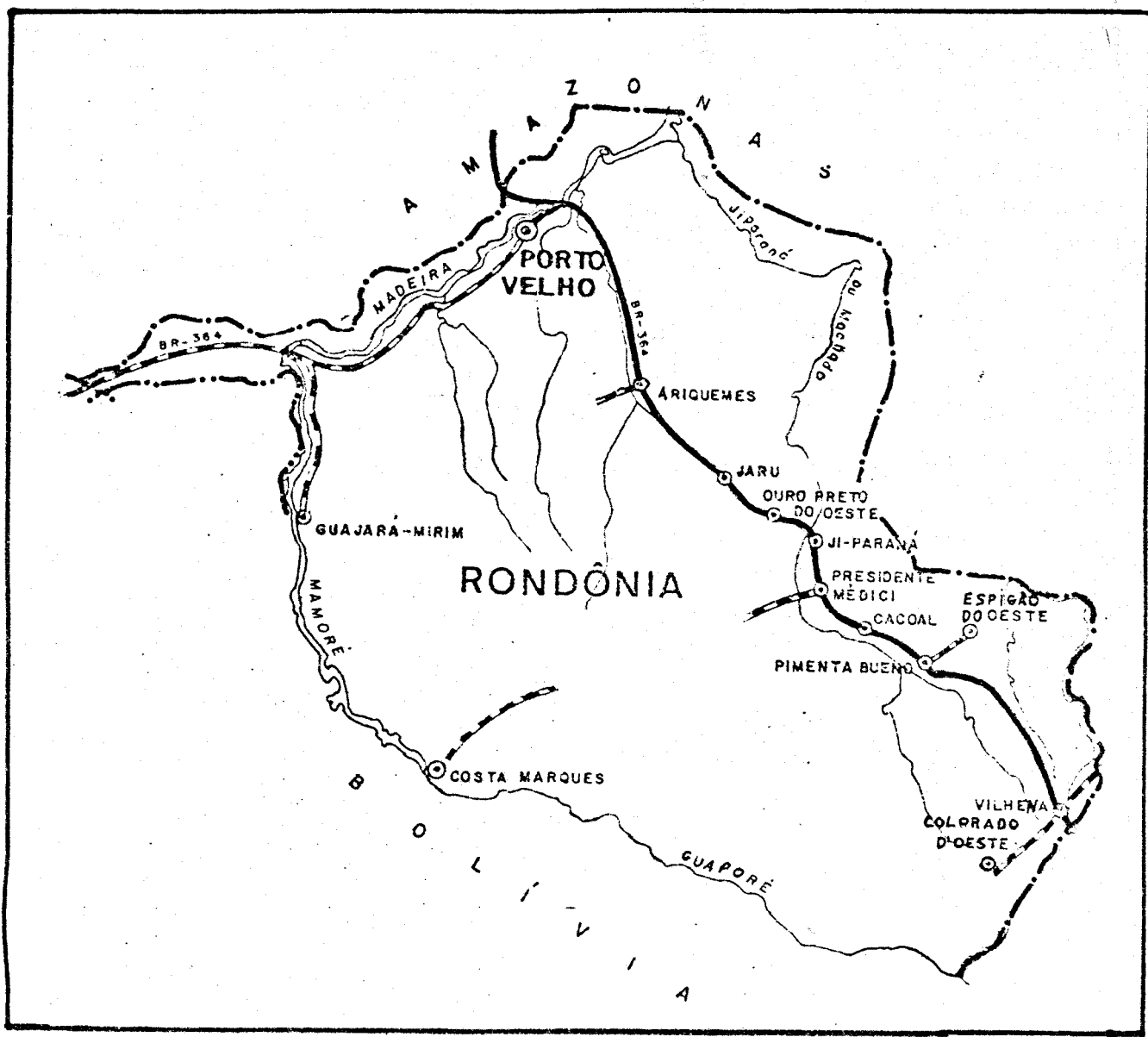
Terminaremos com uma exposição de defesa para que os "que decidem" possam preocupar-se igualmente em abordar os problemas a partir de um ponto de vista feminino.

Este artigo tem somente uma ambição, ilustrar no plano de um estado brasileiro o que deveria ser uma afirmação evidente : não há alimentação nem agricultura familiar sem mulheres.



**BRASIL**

**DIVISÕES ADMINISTRATIVAS**



RONDÔNIA

- 1984 -

echelle: 1/5.000.000



- QUADRO III -

REPARTIÇÃO E TAXA DE CRESCIMENTO DA POPULAÇÃO DE RONDÔNIA

	POPULAÇÃO				TAXA DE CRESCIMENTO			
	TOTAL	RURAL	%	URBANA	%	TOTAL	RURAL	URBANA
1950	36.935	23.119	62,6	13.816	37,4	88,9	71,3	118,5
1960	69.792	39.606	56,4	30.186	43,6	59,1	29,9	97,5
1970	111.064	51.457	46,4	59.607	53,6	342,1	410,2	283,4
1980	491.069	262.530	53,6	228.539	46,4			

FONTE - SEPLAN/RO - IBGE.

## 1. ECONOMIA EXTRATIVA E PREOCUPAÇÕES ESTRATÉGICAS

Em Rondônia, a história da economia extrativa, organizada em torno da busca do ouro desde a época dos bandeirantes, depois da colheita do látex e de outros produtos florestais como a castanha do Pará, sempre coexistiu com preocupações estratégicas : fixar os limites da América portuguesa em relação às possessões espanholas, ligar a bacia do Paraguai à do Amazonas, oferecer à Bolívia um desaguadouro no oceano Atlântico, integrar o território ao resto do país.

As tribos indígenas, primeira população de Rondônia, aparecem na sua história, sobretudo através das narrativas de seus massacres, apesar do Marechal Rondon e de Lévi-Strauss.

A economia extrativa caracteriza-se pelo uso das riquezas da terra imediatamente monetarizadas, sem preocupação de preservação. Deliberadamente inscrita numa lógica de mercado, ela toma, nas condições amazônicas de insalubridade e de afastamento, uma forma de epopéia suicida. Ela é o negócio dos aventureiros em busca de fortunas rápidas logo despendidas.

A ausência de apego à terra correspondem as ausências de agricultura e de ancoradouro familiar. As mulheres, como a alimentação, são valores vendáveis.

É então penoso falar de alimentação, sem referência à uma economia familiar. As mulheres não sendo responsáveis pela alimentação, nem como mães ou esposas, nem como cozinheiras, nem como donas da pequena criação e da plantação, a alimentação perde todo fundamento cultural para ser apenas um meio suplementar de pressionar e controlar o trabalhador e enriquecer os intermediários (entre os quais algumas mulheres podem conquistar um lugar).

## 1. 1 - A CONSTRUÇÃO DA ESTRADA DE FERRO (1)

As primeiras epopéias de Rondônia estão ligadas à difícil passagem das vinte quedas do rio Madeira que permite a articulação da rede fluvial do norte abrindo-se sobre Manaus e Belém, com a rede fluvial do sul que fixa a fronteira com os países de língua espanhola e que permite as expedições à procura de ouro e de escravos índios a partir de São Paulo.

A idéia de uma estrada de ferro acompanhando o curso do rio nasce no meio do século XIX; o Brasil quer em primeiro lugar ligar mais facilmente seus centros políticos, e mais tarde quererá expedir a borracha para Manaus. As relações diplomáticas e comerciais com a Bolívia, que visa uma abertura sobre o Atlântico (o canal de Panamá não existe ainda), após diversos incidentes, serão concluídas com o tratado de Petrópolis em 1903, ficando o Brasil na obrigação de construir a estrada de ferro; é ainda a euforia da borracha.

Mas o pesadelo já havia começado. Isolados na floresta, submetidos aos ataques das febres, dos índios, dos animais, mas sobretudo mal nutridos com conservas importadas, 5.000 trabalhadores morreram na realização da ferrovia, a maior parte de desintéria e de beribéri.

As empresas se sucederão; a empresa Collins faz vir 719 Norte-americanos (dos quais 6 mulheres). A mulher do diretor virá a ser internada na sua volta aos U.S.A. numa casa de saúde onde ela morreu louca.

É a companhia Madeira-Mamoré Railway que concluirá a estrada de ferro entre Guajarã-Mirim e Porto Velho. Entre 1907 e 1912, 30.000 homens de todos os países chegam a Porto Velho para a construção. A sete quilômetros desse lugar, a cidade dos trabalhadores e dos

---

(1) Ver "A ferrovia do Diabo" Manoel Rodrigues Ferreira. Melhoramentos - 1982.

aventureiros da borracha : Santo Antônio. Fala-se dela como o lugar mais mal reputado do fim do Mundo, isolado de tudo, aí são encontrados vinhos , mulheres, prazeres, e ... malária.

Mais comedida, a cidade de Porto Velho desenvolve-se. Em 1910, ela conta 300 habitantes. A crônica registra a existência de uma só mulher branca (sem dúvida já esquecida da presença das outras enfermeiras americanas recrutadas pelo canteiro) e a presença de trabalhadores negros vindos das Antilhas com suas mulheres.

Nenhuma colônia agrícola surge ao longo da ferrovia antes de 1945. A crise da borracha faz refluir a onda de migração para longe da estrada de ferro que cai depressa no esquecimento.

## 1. 2 - A BORRACHA

No fim do século XIX, o estouro da borracha provoca uma migração em direção à Amazônia, de habitantes do Ceará (Nordeste do Brasil) assolados por uma nova seca. A atividade diminui com a queda dos preços e a concorrência das plantações asiáticas. Na ocasião da segunda guerra mundial, privados do acesso às plantações da Ásia, os Estados Unidos organizam "o exército da borracha". São ainda originários do Nordeste que serão recrutados. A produção será escoada graças aos aviões da U.S. Air Force. Esta será a segunda onda de migrantes da borracha. Mulheres são transportadas em caminhões cheios, vindos do Nordeste. São prostitutas. Elas ficam na cidade e não cultivam.

Conhece-se o sistema de exploração da borracha. Totalmente isolado e prisioneiro em sua parcela, somente ligado ao mundo exterior pelo rio, o seringueiro parte cada manhã antes do nascer do Sol para fazer a volta às árvores e sangrá-las, onde recolherá numa segunda volta, o látex.

O seringalista reina como chefe nesta relação quase escravagista, que é o aviamento. Ele é o único comprador do produto, o único contato com o exterior, fornecendo a crédito, mas a preço de ouro, os bens necessários para a sobrevivência na floresta (medicamentos, alimentos...), proibindo às vezes qualquer plantação de arroz ou de mandioca. O seringueiro fica com eterna dívida.

Após a estação da borracha, vem a estação da colheita da castanha do Pará, frequentemente o seringueiro é também colhedor de castanhas. Este sistema vigora ainda hoje no vale do Guaporé. As mulheres não são mais excluídas.

Algumas mulheres vivem com seus maridos nas parcelas, esperam sua volta, ocupam-se da cabana, das crianças. À noite ajudam a fazer as bolas de borracha sobre o fogo. Quando elas podem, plantam um pouco no terreno, e quando é preciso, o homem doente ou o objetivo de entrega não podendo esperar, elas mesmas vão sangrar as seringueiras.

Hoje em Guajarã-Mirim, a partir do mês de janeiro, o seringaísta conduz as famílias à cidade. A estação da borracha recomeçará somente em maio. Pouco integradas à vida urbana, as mulheres dos seringueiros não beneficiam de estruturas sociais de assistência. Frequentemente elas não dispõem de qualquer papel oficial, as crianças não são declaradas no Registro Civil. Elas esperam ainda em casa, nas barracas que abrigam os seringueiros, que o marido tenha acabado de "aproveitar" a cidade, depois retomam todos o caminho do rio.

A malária, a verminose, mas sobretudo a má-nutrição, são responsáveis pelo estado de anemia da maioria dos habitantes do vale do Guaporé. As proibições, os hábitos alimentares, a falta de instrução não permitem que utilizem da melhor maneira, os recursos alimentares disponíveis. As crianças que deixam o peito materno jamais tomarão leite. A mortalidade infantil é uma das mais elevadas do mundo, mais de 200% segundo as enfermeiras que trabalham na região.

### 1. 3 - A EXPEDIÇÃO RONDON

Entre 1907 e 1915, a "comissão das linhas telegráficas estratégicas Mato Grosso - Amazonas" conduzida pelo coronel Cândido Rondon, explora a região situada entre Cuiabá e Porto Velho. A comissão define o traçado da linha telegráfica e implanta vários postos. É a partir desses postos que em 1938, Lévi-Strauss parte à procura de Índios - Nambikwara e Tupi Kawahib.

Este traçado será, aproximadamente cinquenta anos mais tarde, o da rodovia federal BR 364, ao longo da qual serão instalados os primeiros colonos, a princípio espontaneamente, depois enquadrados pelo INCRA. Quanto aos postos instalados pelo coronel Rondon, alguns dentre eles, como Vilhena, Pimenta Bueno e Ji-Paraná (ex-Vila Rondônia), transformaram-se hoje, em importantes centros urbanos.

### 1. 4 - A CASSITERITA

Em meados dos anos 50 é descoberta perto de Ariquemes, uma jazida de cassiterita, um mineral rico em estanho. Segue-se um grande afluxo de aventureiros, população instável explorada pelos intermediários e por todos os comércios destinados à uma clientela de ganhos irregulares mas de hábitos faustosos. Não se diz que para manter a sorte o garimpeiro deve despender todo o seu ganho nos braços de uma prostituta? A mulher é então prostituta, cozinheira também... Têm-se acesso às jazidas por avião; tudo, e sobretudo os alimentos, são importados a preços proibitivos. Os acampamentos são precários, não há agricultura. Hoje, a exploração da cassiterita continua, mas desde 1971 são as grandes empresas multinacionais que dela têm o monopólio. Elas empregam assalariados exclusivamente masculinos, uma população estabilizou-se e a chegada da estrada e dos colonos transformou a região

## 1. 5 - O OURO

Antes da estação das chuvas, entre agosto e novembro, quando as águas estão baixas, é ao longo do rio Madeira a corrida para o ouro. Quarteirões inteiros da capital Porto Velho esvaziam-se de sua população masculina. Tivemos dificuldade em estimar o número de garimpeiros que mergulham armados com grandes mangueiras para aspirar o fundo do rio. Mais de 3.000 balsas estariam no rio, seja perto de 15.000 mergulhadores na obscuridade total, aspirando a lama e o cascalho contendo palhetas de ouro. Uma balsa pode encontrar um quilo de ouro por mês, o mergulhador tem direito a 50% da colheita, o proprietário da balsa fornece o material e a alimentação. Um mergulhador pode desta maneira, ganhar facilmente cinquenta vezes o salário mínimo.

As mulheres, contrariamente ao caso das minas de Serra Pelada, não são proibidas no garimpo. Elas acampam nas favelas-relâmpago que se instalam nas margens do rio, no lugar onde se encontra a maior atividade do momento, e que se tornam rapidamente cidades-fantasma. As regras de higiene não existem, as normas de segurança no trabalho são ignoradas. A alimentação é totalmente importada e vendida a preços fantasistas. O luxo está presente : pode-se comprar uvas e "as melhores coisas". A água deve ser comprada engarrafada.

Existiria mulheres que trabalhariam como mergulhadoras, mas a maioria delas está lá para acompanhar seu marido, ajudar os garimpeiros a "ter sorte". Cozinheiras deixam seus empregos da cidade para abrirem restaurantes. No garimpo, toda empresa é possível... antes da estação das chuvas.

## 2. SEMPRE MAIS AO OESTE

A taxa de crescimento da população de Rondônia entre 1970 e 1980 é de 342%, seja uma média anual de 16% (Quadro III). A taxa nacional média é de 2,5%. Em 1983, estima-se que 70% dos residentes não nasceram em Rondônia.

As estatísticas detalhadas das migrações, recenseadas nos postos rodoviários de triagem de migrantes, existem desde 1978. Desta data até o primeiro trimestre de 1984, registrou-se oficialmente 338.051 migrantes declarando querer fixar-se em Rondônia (Quadro IV)

Estas migrações devem ser recolocadas no quadro histórico e econômico da aceleração das vias de penetração da Amazônia e do avanço do "ciclos de produtos de exportação". As terras de Rondônia, antigo território federal, pertencem juridicamente à União. Em princípio, elas não podiam ser vendidas, e, na época da criação do Instituto Nacional de Colonização e de Reforma Agrária (1970), passam sob sua total jurisdição. Incumbido pelo INCRA de assentar os colonos

Vimos que a política governamental está longe de acalmar as fortes tensões sociais devidas à modernização da agricultura e à valorização das terras que expulsam o pequeno agricultor sempre mais para o Oeste, deixando lugar às grandes propriedades de criação, de cana de açúcar, de soja. A colonização de Rondônia deve, para o governo, permitir a economia de uma reforma agrária nas regiões de origem dos migrantes, deslocar os problemas deslocando as vítimas que não se resolvem a ir para a periferia das grandes cidades.



	1978	1979	1980	1981	1982	1983	1984**
Número total de migrantes	12.658	36.791	49.205	60.218	58.052	92.723	28.404
Porcentagem de mulheres	-	40.4	40.6	37.6	34.2	31.2*	33.1
Porcentagem de mulheres entre os chefes de família	-	9.5	15.6	13.6	11.7	10.0*	-
Porcentagem de mulheres chefes de família tendo entre 15 e 19 anos	-	50.2	50.8	54.6	54.2	56.3*	59.5
Número de dependentes por chefe de família	2.41	1.51	1.47	1.13	0.93	0.79*	-
Porcentagem de chefes de família casados	-	60.0	66.6	58.4	54.2	-	-
Porcentagem de chefes de família migrando sōzinhos	-	43	53.2	63.5	69	-	-
Porcentagem de esposas analfabetas ou podendo somente assinar seu nome	-	42.8	40	37.5	31.1	-	-
Porcentagem de esposas tendo ao menos terminado o 1º grau	-	3.2	3.7	6.2	8.5	-	-
Porcentagem de esposas declarando-se de prendas domēsticas	-	96.4	97.3	97.1	96.5	-	-
Porcentagem de chefes de família declarando vir de uma cidade	-	32.6	35.1	54.6	67.7	73.2*	-

(1) migrantes declarando querer fixar-se em Rondônia

\* 1º semestre 1983

\*\* 1º trimestre 1984

Nosso propósito aqui não é estudar a colonização em Rondônia, nos contentamos somente em adiantar desde já que a região é incapaz de responder às necessidades de terras dos migrantes, dos quais a maior parte, em condições de existência muito duras, malogram ao se impor ao mercado. Eles partem uma vez mais, recriando então o ciclo da frente pioneira, dos quais já foram os atores no Nordeste, no estado de São Paulo, no Paraná e em Mato Grosso...

Entre outras causas e consequências das dificuldades do colono, encontra-se o fato de o Banco do Brasil ter reduzido o número de seus contratos de financiamentos à agricultura de 8.000 em 1980 a 2.000 em 1984. A impossibilidade na qual se encontra o pequeno agricultor de reembolsar os créditos é um dos primeiros fatores do abandono.

Todavia, muito dinheiro inunda Rondônia. O Banco Mundial financia o projeto POLONOROESTE destinado a realizar a rodovia Cuiabá - Porto Velho e apoiar as ações visando consolidar a instalação dos migrantes. O orçamento do POLONOROESTE é sem dúvida comparável ao orçamento do governo de Rondônia.

Nesse processo de instalação dos colonos, vamos estudar a importância quantitativa das mulheres, determinante quando se trata de qualificar o tipo de migração. Tentaremos mostrar como é um dia de trabalho dessas mulheres e enfim, destacaremos suas relações com a cidade.

## 2.1 - AS MIGRANTES QUALIFICAM A MIGRAÇÃO

Em nossas pesquisas, ressalta-se que a decisão de migrar é aplicada ao homem, e que o apego à terra, aos laços sociais estabelecidos são atribuídos à mulher. As mulheres partem junto ou são abandonadas. Baseados nas estatísticas (Quadro IV), constatamos que aproximadamente um homem casado entre dois migra sozinho. A explicação correntemente admitida é que o homem vai primeiro para conhecer o lote. Ora, não se verifica a mesma proporção de mulheres migrando sozinhas alguns anos mais tarde que pudesse confirmar esta hipótese. Contudo, para poder pretender um lote, o colono deve preencher um certo número de condições; uma mulher instruída, filhos já grandes trazem pontos suplementares que favorecem a migração familiar.

Estudando o lugar das mulheres, fica-se impressionado de ver que o tipo de migração mudou entre 1978 e 1984 : a porcentagem de mulheres, várias idades, as mulheres chefes de família são cada vez mais jovens, o número de dependentes diminui, os chefes de família migram sozinhos cada vez mais, o nível escolar aumenta, a migração não se faz mais do meio rural mas sim das cidades.

Tudo indica que a natureza da migração tenha mudado. Dirigindo-se na origem às famílias rurais com a perspectiva de vir a ser colonos agrícolas, a migração para Rondônia torna-se o fato de uma população masculina vinda das cidades e provavelmente procurando um emprego urbano. As condições de vida e o desemprego nas cidades seriam as principais razões das novas migrações.

## 2. 2 - COLONAS E LINHAS

Chama-se linha a via de acesso constituindo a demarcação dos lotes. O INCRA distribui módulos uniformemente retangulares de 100 hectares cujo lado de 500 metros acompanha a linha, o outro lado penetra em ângulo reto sobre dois quilômetros dentro da floresta. Cada família está isolada no seu lote num sistema individualista.

Os inquiridores interrogam somente os homens. Acostumados a responder sobre rendimentos do hectare e sobre quantidade comercializada, os colonos não fazem suas esposas participarem da entrevista a não ser para assistí-las diante das perguntas "quantos filhos tem? quantas galinhas tem, quantos porcos?". Também as mulheres devem ter dificuldade de falar de sua vida quotidiana.

A mulher é a primeira a acordar, ela vai buscar água no rio e cortar um pouco de lenha para preparar o café. Ocupa-se da casa, da roupa, das crianças a aleitar até um ano e meio. Rala a mandioca, faz o pão, extrai o caldo da cana, ocupa-se da horta e do pomar, das galinhas e dos porcos. Prepara a comida que leva aos homens quando estes não vêm para o almoço e frequentemente fica com eles para o trabalho agrícola. A noite chega depressa; não há eletricidade.

Não há trabalhos agrícolas que a mulher não execute, salvo talvez as queimadas e os grandes desmatamentos. Mesmo as mulheres originárias de regiões onde tradicionalmente não participam dos trabalhos agrícolas, estão nos campos de Rondônia. Todas as que foram interrogadas lembram-se dos longos e frequentes períodos em que, o marido atingido pela malária, elas precisaram assegurar sozinhas a plantação e a colheita. As viúvas são numerosas em consequência da violência dos regulamentos de conduta nas linhas e nas cidades, e em consequência dos acidentes durante os desmatamentos da floresta. Geralmente ficam no lote.

As mulheres do campo têm regularmente mais de seis filhos. Nenhum meio de anticoncepção existe nem parece ser desejado, mesmo que estejam ávidas de informações a este respeito. Quando se é pobre são precisos muitos filhos para sobreviver e o homem veria em toda contracepção, um atentado à sua virilidade. Entretanto, no momento em que a mulher está muito "cansada", que ela tem mais de 35 anos e um número já respeitável de filhos, recorre facilmente a uma operação de ligadura de trompas (na linguagem popular se diz "desligar").

A mulher não tem orçamento próprio. Mas é extremamente delicado generalizar todo comportamento. As origens, mas sobretudo o percurso migratório anterior, desestruturaram as tradições e nivelaram os comportamentos face à necessidade de sobrevivência. Parece entretanto que, além das origens regionais, tenha sido a passagem por uma cidade o fator principal de emancipação das mulheres.

Um fator desconhecido, a monetarização da produção, o tipo de enquadramento agrícola visando promover culturas de renda : café, cacau..., não favorecem uma vida de auto-subsistência. Segundo as assistentes sociais, as distribuições gratuitas de medicamentos colocam-se no mesmo plano que a perda das tradições e o abandono da medicina caseira. De que serve cuidar de um pomar onde toda a energia foi exigida para ser instalado, se a distância não permite comercializar o excesso, se a malária impede de cuidá-lo, se ele é tão difícil de se manter sobre a terra que se teme abandoná-lo antes dos primeiros frutos?

Na família, a mulher é responsável por toda a alimentação, escolha dos alimentos, preparo das refeições, colheita de vitaminas da horta... Enquanto o marido lamenta os maus preços agrícolas e o preço dos adubos, o primeiro lamento delas diz respeito à alimentação. Elas têm consciência de que não nutrem corretamente as crianças, a carne é muito cara e elas não podem assumir sua auto-subsistência no lote, não sabendo mais num meio ambiente amazônico encontrar as plantas do Nordeste ou do Paranã que reequilibrariam as refeições, hoje reduzidas a uma porção de arroz e de mandioca.

### 3. AS MULHERES REAGRUPAM-SE NA CIDADE

As mulheres de Rondônia são proporcionalmente mais numerosas na cidade (Quadro V), na capital Porto Velho, mas também nas cidades-relâmpago da rodovia Cuiabá - Porto Velho, nos povoados rurais espontâneos (Espigão do Oeste, Colorado d'Oeste) ou planejados pelo INCRA (os núcleos urbanos de apoio rural : NUAR).

A maioria das mulheres de Porto Velho e das cidades do rio não são mulheres de migrantes recenseados pela rodovia em Vilhena nestes últimos anos. A maioria vem da Amazônia. Muitas são mulheres de garimpeiros e de seringueiros da região, vítimas da recuperação de propriedades e da abolição do estatuto das concessões. Em Porto Velho, encontram-se igualmente migrantes vindas de avião procurar trabalho na capital. A situação é diferente nas cidades da BR e nos Núcleos Urbanos de Apoio Rural (NUAR), essencialmente compostos de mulheres de migrantes vindos das antigas zonas de "fronteiras agrícolas".

Se a cidade é o lugar de emancipação feminina, é também o mais visível lugar do revés da colonização agrícola. Um entre dois migrantes pretendendo um lote, mora na cidade; aí ele espera a atribuição do lote que se torna cada vez mais hipotética porque, dado o ritmo da migração, o INCRA não pode mais acolher os colonos; daqui a quatro anos é provável que não haja mais terras cultiváveis para a colonização. Mais de 30.000 pedidos são atualmente engavetados. Mas é também na cidade que o migrante encontra refúgio após o prejuízo de sua empresa, a venda ou abandono do lote, a expulsão brutal.

A cidade é o lugar da explosão social, como o mostraram as recentes rebeliões de Ji-Paraná. A vida aí é talvez um pouco menos difícil que nas linhas, mas também é violenta. É significativo que um quarteirão de Porto Velho se chame "Iran e Irak", que os dois quarteirões mais recentes se chamem "Malvinas" e, porque a esperança e a irrisão co-habitam em Rondônia, "Eldorado".

Também os poderes públicos desconfiam das cidades e convidam políticos de descentralização para evitar conflitos. Desta maneira Ji-Paraná recebeu o afluxo de população que o INCRA não quis deixar implantar-se no centro do Projeto de Colonização Integrado de Ouro Preto, assim o INCRA implanta os NUAR, povoados ainda sem vida, no meio das linhas.

Contrariamente à política de isolamento do indivíduo no seu lote, as cidades se impõem como centro de aglomeração. E nas cidades são as mulheres que parecem as mais capazes em organização.

Durante a estação das chuvas, o acesso ao lote é quase sempre impossível. Por isso a mulher fica na cidade com os filhos para poder aproveitar das infraestruturas de saúde e educação. Lá poderá encontrar, assim como os filhos, um pequeno emprego urbano que assegurará um ganho mais fácil e mais regular ao casal, que a venda da produção agrícola uma vez por ano num contexto de inflação. Ela irá ajudar o marido nos campos quando for hora dos trabalhos pesados; ele virá ao seu encontro na estação das chuvas, algumas vezes em fim de semana, ou para tratar a malária.

Na cidade as mulheres são empregadas nas pequenas indústrias, no comércio. Elas cozinham e lavam para os outros. As lavadeiras constituem um grupo social importante pelo seu poder de organização. Suas condições de trabalho são extenuantes, todo o dia dentro d'água, à noite de pé para passar com ferros a carvão. Em Porto Velho, alguns quarteirões organizaram-se. As lavadeiras associam-se para exigir preços mínimos, vão em delegação à prefeitura para tentar encontrar uma solução para os cortes de água e de corrente que as impedem de trabalhar. Estes grupos são geralmente enquadrados pela Secretaria do Trabalho e da Promoção Social. Caixas de socorro alimentadas pelas associadas ajudam aquelas que estão em dificuldade.

REPARTIÇÃO POR SEXO

SEGUNDO O LUGAR DE RESIDÊNCIA

em porcentagem

RONDÔNIA

	URBANA		RURAL		TOTAL	
	HOMENS	MULHERES	HOMENS	MULHERES	HOMENS	MULHERES
1950	51,6%	48,4%	59,6%	40,4%	56,6%	43,4%
1960	51,0%	49,0%	58,8%	41,2%	55,6%	44,4%
1970	50,2%	49,8%	56,5%	43,5%	53,0%	47,0%
1980	50,9%	49,1%	54,4%	45,6%	52,8%	47,2%

FONTE- SEPLAN/RO- IBGE



Outras atividades são criadas em benefício da mulher. Assim como o projeto, financiado pelo POLONOROESTE, dos doces caseiros. À primeira vista, poderíamos ficar um pouco chocados com um projeto que propõe encerrar as mulheres nas suas cozinhas, numa eterna imagem da mamãe-açucareira.

Na realidade, esses "grupos doces caseiros", como outros grupos de costura, de artesanato, são antes de tudo um lugar de encontro, de formação. As mulheres aprendem a usar as frutas da região a conservá-las. Talvez cheguem a comercializar uma parte... mas o importante é que saiam do seu isolamento, aprendam na hora das refeições conjuntas que se pode comer abacaxi e beber leite no mesmo dia sem ficar doente, que revolvam seus preconceitos e se afirmem como autônomas.

A Igreja intervém igualmente para agrupar as mulheres no seio dos clubes das mães que informam sobre as precauções de higiene, os direitos do trabalhador rural.

Assiste-se então a uma situação diferente do esquema clássico em que a mulher fica nos campos quando o homem vai trabalhar na cidade. São as mulheres que investem na cidade, seja ela pequena, pelo fato das necessidades da família, mas também pelo fato de que não podem encontrar um trabalho remunerado, a não ser lã. As enfermeiras, as assistentes sociais, as professoras, mesmo itinerantes, moram na cidade, posto que um NUAR não agrupa mais de 300 pessoas.

É na cidade que elas podem reunir-se, por interesse ou por necessidade, que elas podem associar-se legalmente, o que é notável num contexto em que todo projeto privado de cooperativismo agrícola de pequenos produtores é frequentemente julgado subversivo.

#### 4. SOMENTE 17,8% DE MULHERES ATIVAS

A noção de taxa de atividade segundo o recenseamento "mão de obra" do IBGE deve ser utilizada com muita prudência. Rondônia acusa uma taxa de atividade feminina mais fraca que a média brasileira, o que pode parecer surpreendente para uma região pioneira onde as mulheres desligadas dos preconceitos tradicionais pela necessidade, são amplamente levadas a contribuir com a economia local (Quadro VI).

De fato, esta fraca taxa, mais que o reflexo do desenvolvimento econômico do estado, é o resultado de uma estatística distorcida. O IBGE aplica o conceito de população ativa somente aos trabalhadores assalariados. Então de todas as mulheres de mais de 10 anos recenseadas em Rondônia em 1980, somente 17,8% seriam economicamente ativas! (contra 81% dos homens).

Na agricultura, onde trabalha 52,8% da população ativa, enumeraram-se apenas 4.800 mulheres contra 84.300 homens. O recenseamento agrícola mais realista revela que 60.000 mulheres estão "ocupadas" na agricultura. Esta avaliação é reforçada pela consciência que as mulheres têm do seu trabalho; a quase maioria das mulheres de migrantes declaram-se de prendas domésticas .

Quanto ao setor secundário, concentra 76% dos salários e 65% dos empregos nas indústrias da madeira e das minas (IBGE 1980), tradicionalmente pouco abertos às mulheres. Os setores de transformação industrial mais elaborada, suscetíveis de empregar mulheres, estão ainda marginalizados e embrionários. Outros fatores concorrem para omitir as mulheres da vida econômica. Então os recenseamentos industriais contabilizam apenas o pessoal empregado em 31 de dezembro... e desaparecem as 500 mulheres de trabalho temporário, trabalhando de janeiro a julho nas fábricas de castanhas do Pará, seja o equivalente da média mensal do pessoal feminino ocupado na indústria em 1980!

PORCENTAGEM DE MULHERES NOS DIFERENTES SETORES DE ATIVIDADES

	<u>BRASIL</u>	<u>RONDÔNIA</u>
População feminina "econômicamente ativa"	27,4	15,9
População feminina "econômicamente ativa" urbana	31,9	25,2
População feminina "econômicamente ativa" rural	16,9	7,9
Atividades agropecuárias	12,7	5,4
Indústria de transformação	23,9	7,5
Indústria da construção	1,8	1,8
Outras atividades industriais	9,4	4,5
Comércio	27,5	24,9
Transporte - Comunicação	7,8	7,6
Prestação de serviços	56,5	49,2
Atividades sociais	71,4	68,2
Administração pública	21,4	27,7
Outras	31,1	26,4
Procurando trabalho	35,0	32,6
Professores	86,5	84,8
Empregados Domésticos	95,6	96,9

FONTE : IBGE. MÃO-DE-OBRA RONDÔNIA - 1980 -

É então "logicamente" no setor terciário que encontraremos maior quantidade de mulheres, nas profissões "femininas" da saúde e da educação, e proporcionalmente em número mais elevado que na média brasileira, na administração; mas é sobretudo como empregadas domésticas e nos empregos subalternos que as mulheres são recenseadas. Depois do setor primário, o maior posto de atividade feminina com 3.572 pessoas é o das empregadas domésticas; o emprego urbano não é forçosamente símbolo de elevação do estatus feminino (Quadro VII).

Não é de admirar que o trabalho feminino só seja na verdade reconhecido na cidade; a cidade valoriza, monetariza esse trabalho e tende a concentrá-lo; 68,3% dos empregos administrativos são oferecidos na capital Porto Velho. No terciário, a taxa de atividade feminina está então muito próxima da média nacional.

PRINCIPAIS SETORES DE ATIVIDADE DAS MULHERES de mais de 10 anos  
recenseadas como economicamente ativas em RONDÔNIA

	Número de empregos	%
Funções burocráticas ou de escritório	3.506	13,2
Enfermeiras não diplomadas	817	3,1
Professoras	2.536	9,6
Ocupações da agropecuária	4.683	17,7
Indústria de transformação e construção civil	900	3,4
Vendedoras	1.721	6,5
Empregadas domésticas	3.572	13,5
Lavadeiras	986	3,7
Serventes	1.736	6,6
Ocupações mal definidas	1.004	3,8

Total de mulheres recenseadas : 26.479

FONTE : IBGE - MÃO DE OBRA - 1980

#### 4. 1 - A INDÚSTRIA

Vimos que há pouca diversificação industrial em Rondônia, onde a transformação da madeira e a extração da cassiterita são responsáveis pelos três quartos dos empregos industriais, a priori pouco acessíveis às mulheres.

Portanto, desde que uma serraria diversifique suas atividades para fabricar elementos mais elaborados para a construção e as fábricas de móveis, as mulheres, frequentemente ajudadas por crianças, tornam-se majoritárias para aceitar um trabalho qualificado, com aparelhos perigosos (requerendo sua aptidão), cansativo (em pé), para uma remuneração mais baixa que a dos homens.

Na estação do garimpo, quando os homens deixam Porto Velho, as mulheres é que são engajadas pelas empresas de construção civil.

Existe uma indústria quase exclusivamente feminina que convém descrever mais detalhadamente : a indústria de condicionamento da castanha do Pará.

Na época da colheita, em princípio de ano, seis meses durante os quais a matéria prima não falta, até 500 mulheres reúnem-se na mesma sala. Sobre compridas mesas, 500 lugares de trabalho com 500 máquinas fixas manuais para quebrar as castanhas funcionando noite e dia. Sentadas em frente à sua máquina, frequentemente auxiliadas por uma criança que tirará a casca após a quebra, 500 mulheres fazem o mesmo movimento de ir e vir com os braços.

O trabalho é pago em função do rendimento, pelo quilo de castanhas descascadas : 200 cruzeiros o quilo durante esta estação 84

São somente pagas as castanhas que ficam inteiras, não apresentando nenhum ponto de mofo. Para atingir o salário mínimo, é preciso produzir 20 kg por dia, quer dizer ficar no seu posto o maior tempo possível. Para não perder tempo, as mulheres levam sua marmita e almoçam depois da primeira pesagem do dia, tornando-se verdadeiros "bóias-frias".

À noite, o marido pode vir ocupar o posto, deixando a mulher fazer o trabalho da casa e a refeição da noite, antes de voltar à fábrica.

As condições de trabalho são muito penosas, o barulho e sobretudo a poeira (as castanhas já foram grelhadas, e fica a fumaça). Pior que as tendinites, são os calos nos dedos e as dores nas costas devidas à posição sentada a que são incriminadas.

É possível trabalhar na seleção. Em pé, de meio dia às 4 horas, depois das 6 às 8 horas, as mulheres selecionam as castanhas em seis qualidades. O trabalho é igualmente pago por quilo, menos remunerado mas julgado menos cansativo.

O resto do ano, as mulheres passam desempregadas. Não há empregos na cidade. Também a ameaça da automatização da quebra e seleção é julgada bem mais terrível do que as condições de trabalho que acabamos de evocar.

#### 4. 2 - A ADMINISTRAÇÃO

Em 1943, com o desmembramento de uma parte do estado do Amazonas e do Mato Grosso, é criado o Território federal de Guaporé que tomará o nome de Rondônia treze anos mais tarde. Os poderes públicos acreditam facilitar desta maneira a integração de uma parte do Amazonas e dela assegurar o desenvolvimento.

O novo Território constitui seu exército de funcionários. A malária é o problema principal : é formado o corpo de saúde das enfermeiras. Estas enfermeiras, logo seguidas das professoras, são as pioneiras de um fluxo ligado às necessidades sempre crescentes da administração. Com a criação do estado de Rondônia em 1981, a administração fica sendo o principal empregador da região : em julho 1984, contam-se 26.223 funcionárias (quando a indústria oferece 8.000 empregos permanentes).

Num país muito machista, as solteiras são as únicas mulheres a poder encarar uma migração independente. Num país em crise, as jovens diplomadas são as primeiras a encontrar o problema do desemprego. Numa região nova onde as estruturas sociais e o peso da tradição estão em mutação, as oportunidades de emancipação são favoráveis às mulheres, seja nas tarefas femininas de saúde, de promoção social e de educação ou em todos os graus da administração (Quadro VI e VIII).

Encontram-se então mulheres em todos os postos de responsabilidade, vereadoras municipais, secretárias de estado, responsáveis por projetos...

As mulheres são encontradas igualmente nas agências de emprego procurando trabalho, em número muito significativo sobretudo se nos lembrarmos que a população de Rondônia é essencialmente masculina.



Porcentagem de mulheres na população inscrita na agência de emprego da Secretaria do Trabalho de Porto Velho :

1979	-	39%
1980	-	53%
1981	-	52%
1982	-	35,5%
1983	-	31%

Essas mulheres procurando trabalho na cidade são jovens, 89% têm entre 15 e 35 anos, seu nível de instrução é superior ao das mulheres recenseadas no posto de triagem dos migrantes (40% terminaram o 1º grau contra menos de 10%), uma entre duas possui uma experiência profissional (contra 5% do centro de triagem).

## - QUADRO VIII -

NÚMERO DE PESSOAS ENGAJADAS PELO GOVERNO DE RONDÔNIA,

DE 1979 à 1982.

ANO	FORMAÇÃO SUPERIOR		FORMAÇÃO ELEMENTAR		TOTAL Mulheres	‰ Mulheres
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres		
1979	127	110	410	467	577	51,8
1980	222	130	529	627	757	50,2
1981	606	408	1823	1861	2269	48,3
1982	85	95	487	402	497	46,5
Total	1040	743	3249	3357	4100	48,9

FONTE : Secretaria de Estado da Administração / RO.

## 5. A AGRICULTURA FAMILIAR NÃO SERÁ DESENVOLVIDA SEM MULHERES

Sub-estimadas, quando não são ignoradas, nas estatísticas econômicas, sobretudo quando trata-se de trabalho agrícola, as mulheres têm entretanto muito a ensinar aos pesquisadores ou àqueles que pretendem "contribuir para o desenvolvimento".

Porque o lugar da mulher é sem dúvida o melhor indicador social e econômico para compreender-se uma sociedade e sua história, o primeiro passo deveria ser o de procurar onde situam-se as mulheres no fenômeno que nos propomos a analisar. Nós vimos neste artigo o inferno amazônico das povoações sem mulheres às quais está ligada a ausência de agricultura e de apego à terra; mostramos que o novo tipo de migração que se desenvolve é interpretável a partir dos dados sobre as mulheres, que as previsões estatísticas sobre o trabalho delas são representativas da estrutura econômica de Rondônia...

Do outro lado da metodologia, é escutando as mulheres que podemos identificar e exprimir na sua globalidade as necessidades sociais, articulando produção, consumo, quadro de vida e condições de vida. Pergunta-se quais podem ser os impactos dos programas visando melhorar a produção agrícola quando ignora-se deliberadamente as condições sanitárias dos principais atores. Alguns diriam que a má-laria, a má-nutrição e o baixo nível escolar são os principais responsáveis pelos prejuízos agrícolas para os quais tem-se o costume de apontar razões puramente econômicas ou financeiras. Esta divergência de opiniões só pode ser proveitosa.

No nível macro-econômico, sabe-se que o Brasil conhece um grave problema alimentar, no nível micro-econômico, sabe-se que a mulher é responsável pela alimentação familiar. Parece que deste fato não se tiram conclusões e nenhum levantamento, nenhum questionário prevê interrogar sistematicamente as mulheres.

Mas o que é sobretudo a agricultura familiar, a pequena agricultura de onde procede o essencial da produção alimentar brasileira, se não um sistema de produção onde a mulher participa do trabalho agrícola em condições idênticas às do homem, além da total responsabilidade do trabalho doméstico?

Hoje, a agricultura brasileira caracterizada pela predominância da grande propriedade de criação extensiva ou de monocultura de exportação, está em crise e não pode alimentar a população a preços acessíveis, apesar de um imenso potencial de terras sub-utilizadas ou mal utilizadas. No quadro das correções que se impõem e das mudanças que se espera, a tônica deveria ser colocada sobre a sobrevivência e a extensão da pequena agricultura familiar, única capaz de orientar outra vez as produções para as necessidades do maior número, de limitar o êxodo dos camponeses e trabalhadores agrícolas para as cidades e restabelecer a justiça social nos campos.

Numa tal perspectiva, as mulheres das regiões em que tenta hoje sobreviver a pequena propriedade agrícola, e de que Rondônia é o exemplo mais atual, deverão desempenhar um papel de primeira ordem na elaboração e na aplicação das novas políticas. Embora se deva felicitar o governo de Rondônia por ter incluído no seu plano de desenvolvimento as preocupações com as mulheres, é de se lamentar ao ver que essas preocupações encontram-se no último parágrafo da última página, abaixo do parágrafo consagrado aos índios... e isto, ainda mais que nos parece que as ações das diferentes secretarias de estado permitiram constituir, tendo em vista as mulheres, redes de auxílio-mútuo e estruturas organizacionais, favorecendo a agricultura familiar e a vida econômica urbana.